

# SHAKESPEARE, *THE TEMPEST* E CIA.: UMA LINGUAGEM METAFÓRICA E ATEMPORAL

*Ana Luiza Lobo Pereira*

*Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso*

*Mestranda*

RESUMO: Essa dissertação pretende analisar o romance *Hag-Seed*, de Margaret Atwood. A obra se trata de uma adaptação da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare. A narrativa conta a história de Felix, um diretor de teatro que se vê traído por seu assistente quando estava prestes a estrear uma peça que seria a redenção de todos os seus projetos falidos anteriores; uma adaptação de *The Tempest*, obviamente. Depois de morar em reclusão por alguns anos, Felix é contratado como professor de teatro em uma cadeia, onde vê a chance de retomar o projeto que fora roubado por seu arqui-inimigo. Na pesquisa, abordarei alguns aspectos referentes ao processo de transposição de uma linguagem para a outra. Me atentarei, principalmente, aos seguintes pontos: espaços (como os espaços da obra original foram trazidos para o romance e como foram re-significados), representações do teatro (como as metáforas do teatro presentes na peça se apresentam no livro de Atwood) e linguagem (como a escrita de Atwood dá conta de um texto teatral). A ideia principal não é apenas comparar as duas obras em busca de fidelidade entre a adaptação e o original, mas sim entender a interpretação que Atwood faz do texto de Shakespeare e qual é o seu projeto em relação à obra.

Palavras-chave: Teatro, Shakespeare, Romance, Atwood

Este projeto de mestrado tem como principal objetivo comparar *Hag-Seed*, de Margaret Atwood, com a obra na qual a narrativa foi inspirada, *The Tempest*, de William Shakespeare. A comparação será feita através da análise da linguagem da peça e também das diversas imagens do teatro presentes na obra, que foram trazidas por Atwood para a narrativa em prosa. Concomitantemente, analisarei a adaptação para o cinema de 2010 (*The Tempest*, da diretora Julie Taymor), comparando os artifícios utilizados pela diretora com aqueles utilizados por Atwood.

*Hag-Seed* faz parte da coleção *Hogarth Shakespeare*, que foi lançada em 2016 e celebrava os 400 anos da morte do dramaturgo. Diversos autores contemporâneos foram convidados para revisitar as obras de Shakespeare e trazê-las para a prosa. Atwood escreveu um artigo para o jornal *The Guardian*, no qual disse ter escolhido *The Tempest* por acreditar

que a peça “contém diversas perguntas não respondidas e personagens complexos, e o desafio de responder essas perguntas e trazer à tona essa complexidade eram parte do atrativo” (2016, tradução livre).<sup>1</sup>

A narrativa conta a história de Felix, um diretor teatral que se vê traído por seu assistente quando estava prestes a estrear uma peça que seria a redenção de todos os seus projetos falidos anteriores; uma adaptação de *The Tempest*, obviamente. Depois de morar em reclusão por alguns anos, Felix é contratado como professor de teatro em uma cadeia, onde vê a chance de retomar o projeto que fora roubado por seu arqui-inimigo. O filme de 2010, por outro lado, é uma adaptação “bem próxima” da obra original, tendo como diferença maior o personagem de Prospero ser feito por uma mulher. No âmbito do roteiro e do contexto, porém, Julie Taymor foi bem fiel ao texto de Shakespeare.

O primeiro ponto a ser trabalhado é a linguagem utilizada por Shakespeare em suas peças. Edward Everett Hale, um pesquisador do teatro Elisabetano, afirma que, sendo “um dramaturgo de sucesso e, como muitas vezes é visto, um ótimo homem de negócios, é provável que ele (Shakespeare) pensasse em suas peças primeiramente para a encenação naquele lugar em que eram apresentadas.”(1903. p. 172, tradução livre)<sup>2</sup>Hale fala sobre o quanto o contexto em que as peças de Shakespeare foram criadas e representadas afetou a maneira como o autor escreveu suas obras, e que elas na verdade são reflexo da sociedade da época e do que aquela sociedade consumia no âmbito das artes dramáticas.

Como então adaptar uma obra escrita há mais de 400 anos, e que era produto direto da época em que foi encenada, para que ela ainda possa ser consumida pela sociedade contemporânea? Essa é uma das perguntas que guiará a pesquisa, e pretendo respondê-la através da análise das duas adaptações já mencionadas.

O filme de 2010 se passa em um lugar onde não há tempo histórico definido, enquanto o romance de Atwood se passa nos dias de hoje. Ambas as adaptações utilizaram recursos específicos de seus meios (cinema e literatura) a fim de trazer para o produto final os aspectos mais importantes da obra shakespeariana. Tanto um quanto o outro encontram seu espaço na sociedade do século XXI.

---

<sup>1</sup> “It contains a great many unanswered questions as well as several very complex characters, and the challenge of trying to answer the questions and tease out the complexities was part of the attraction.”

<sup>2</sup>“(…) since he was a successful dramatist and, as is otherwise thought, a very good business man, it is probable that he intended first for presentation in the very place where they were presented.”

Além da linguagem utilizada por William Shakespeare em sua peça, também é importante levar em consideração as metáforas criadas sobre o teatro na obra, já que elas constituem um dos motivos pelos quais *The Tempest* é diferente das demais peças do bardo. Sendo sua última peça, nela podemos observar uma postura mais analítica e introspectiva. Shakespeare se coloca na trama como Prospero, aquele que imagina e cria, agindo como roteirista e diretor, algo que não passa despercebido por Atwood ao criar Felix em sua narrativa. Assim como Prospero, Felix utiliza-se de sua posição de poder para criar ilusões e manipular aqueles que estão a sua volta.

Finalmente, levando em consideração o que foi dito acima, as seguintes questões se tornam pertinentes: o quanto o contexto em que as obras de Shakespeare eram encenadas influenciou a maneira como elas foram escritas? Quais artifícios foram utilizados na adaptação de Atwood para que os aspectos principais da obra original não se perdessem? Houve algum artifício em comum com os utilizados pela diretora da adaptação de 2010? Como foi feita a transposição da teatralidade inerente ao texto shakespeariano para o filme e para a narrativa? Essas serão as perguntas que guiarão a pesquisa.

Esta pesquisa me parece interessante e relevante pelo fato de Shakespeare ter sido um artista de importância monumental não só para a cultura da época em que viveu, mas também para a atualidade. Ele influenciou as artes dramáticas (o teatro e, posteriormente, os filmes e as séries de TV) e também teve grande impacto na língua inglesa. Diversas expressões utilizadas até hoje são advindas de peças do bardo sem sequer nos darmos conta, o que é mais uma evidência de como ele está entranhado na cultura ocidental.

Embora não seja incomum vermos adaptações de obras do dramaturgo e, por consequência, estudos sobre tais adaptações, ainda não há pesquisas realizadas sobre *Hag-Seed*, uma obra de ficção que consegue, mesmo sendo um texto em prosa, trazer a atmosfera criada por Shakespeare em *The Tempest*, tanto no âmbito da linguagem utilizada quanto no âmbito das metáforas relacionadas ao teatro, que também estão presentes na obra original.

Além disso, Margaret Atwood é uma autora contemporânea que escreve desde ficção científica até poesia, e sempre busca inserir em suas obras algum questionamento pertinente relacionado ao contexto contemporâneo. Por isso é tão interessante a junção de sua experiência com o mundo atual e as ideias universais de Shakespeare; o resultado é uma obra rica e que, como sempre acontece quando analisamos adaptações, traz um novo olhar para aquilo que já é conhecido.

Afinal, como disseram H. K. Jones e Sarah Denman em seu artigo “Notes of a Conversation on Shakespeare’s ‘Tempest’”, “Uma verdadeira obra de arte é inesgotável. [...] Shakespeare é divinamente iluminado. Tem um dialeto próprio. Ele delinea (o sentido do Teatro) e ao mesmo tempo mostra aquilo que está em nossas almas.” (1875. p. 296, tradução livre)<sup>3</sup> E é por isso que estudos sobre William Shakespeare jamais serão em excesso; sempre há o que descobrir.

No presente projeto, a busca é pelos traços de teatralidade e a sua transposição para outros meios, levando em consideração *The Tempest* e as duas adaptações já mencionadas. A relevância dessa pesquisa se dá ao passo que ainda não há estudos sobre o romance de Margaret Atwood e pouco sobre a transposição da teatralidade de Shakespeare para o texto em narrativa.

## REFERÊNCIAS

ANDREAS, James. “Where’s the Master?”: The Technologies of the Stage, Book, and Screen in “The Tempest” and “Prospero’s Books”. *Shakespeare Without Class: Misappropriations of Cultural Capital*. New York: Palgrave, 2000. pp. 189-207.

ATKINS, Benjamin R. Translating Shakespeare: Film representation of dramatic art. (2004) *Masters Theses*. Paper 1199. Disponível em: <<http://thekeep.eiu.edu/theses/1199/>>. Acesso em: 08/09/2017.

ATWOOD, Margaret. A Perfect Storm: Margaret Atwood on Rewriting Shakespeare’s Tempest (2016). Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/sep/24/margaret-atwood-rewriting-shakespeare-tempest-hagseed>>. Acesso em: 07/09/2017.

ATWOOD, Margaret. *Hag-seed*. New York: Penguin Random House, 2016.

CAVECCHI, Maria Cristina. Peter Greenaway’s Prospero’s Books: A Tempest between Word and Image. *Literature Film Quarterly*: vol. 25, no. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 212-221.

---

<sup>3</sup>“A true work of art is inexhaustible. [...] Shakespeare is divinely illuminated. He has a dialect of his own. He is drawing out (the meaning of Drama) and presenting that which is in our own souls.”

HALE, Edward E. The Influence of Theatrical Conditions on Shakespeare. *Modern Philology*: vol. 1, no. 1. New York: The University of Chicago Press, 1903. pp. 171-192.

JONES, H. K. e DENMAN, S. Notes of a Conversation on Shakespeare's "Tempest". *The Journal of Speculative Philosophy*, vol. 9, no. 3,. Pennsylvania: Penn State University Press, 1875. pp. 293-299.

NEILL, Michael. "Noises/Sounds and sweet airs": The Burden of Shakespeare's Tempest. *Shakespeare Quarterly*: vol. 59, no. 1. The John Hopkins University Press: 2008. pp. 36-59.

NEWELL, W. W. Sources of Shakespeare's Tempest. *The Journal of American Folklore*: vol. 16, no. 63. American Folklore Society: 1903. pp. 234-257.

RANSOM, John C. On Shakespeare's Language. *The Sewanee Review*: vol. 55, no. 2. The John Hopkins University Press: 1947. pp. 181-198.

ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às Grandes Teorias do Teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SHAKESPEARE, William. *The Tempest*. IN: *The Complete Works of Shakespeare*. London: Wordsworth Edition Limited, 2007. pp. 1135-1159.

SNIDER, D. J. Shakespeare's "Tempest". *The Journal of Speculative Philosophy*: vol. 8, no. 3. Penn State University Press: 1874. pp. 193-215.

WRIGHT, George T. An Almost Oral Art: Shakespeare's Language on Stage and Page. *Shakespeare Quarterly*: vol. 43, no. 2. Folger Shakespeare Library in association with George Washington University: 1992. pp. 159-169.

THE TEMPEST. Direção: Julie Taymor, Produção: Julie Taymor, Robert Chartoff. Avaí (EUA): Touchstone Pictures, 2010.



Anais do IX Seminário dos Alunos dos  
Programas de Pós-Graduação do Instituto  
de Letras da UFF  
Estudos de Literatura